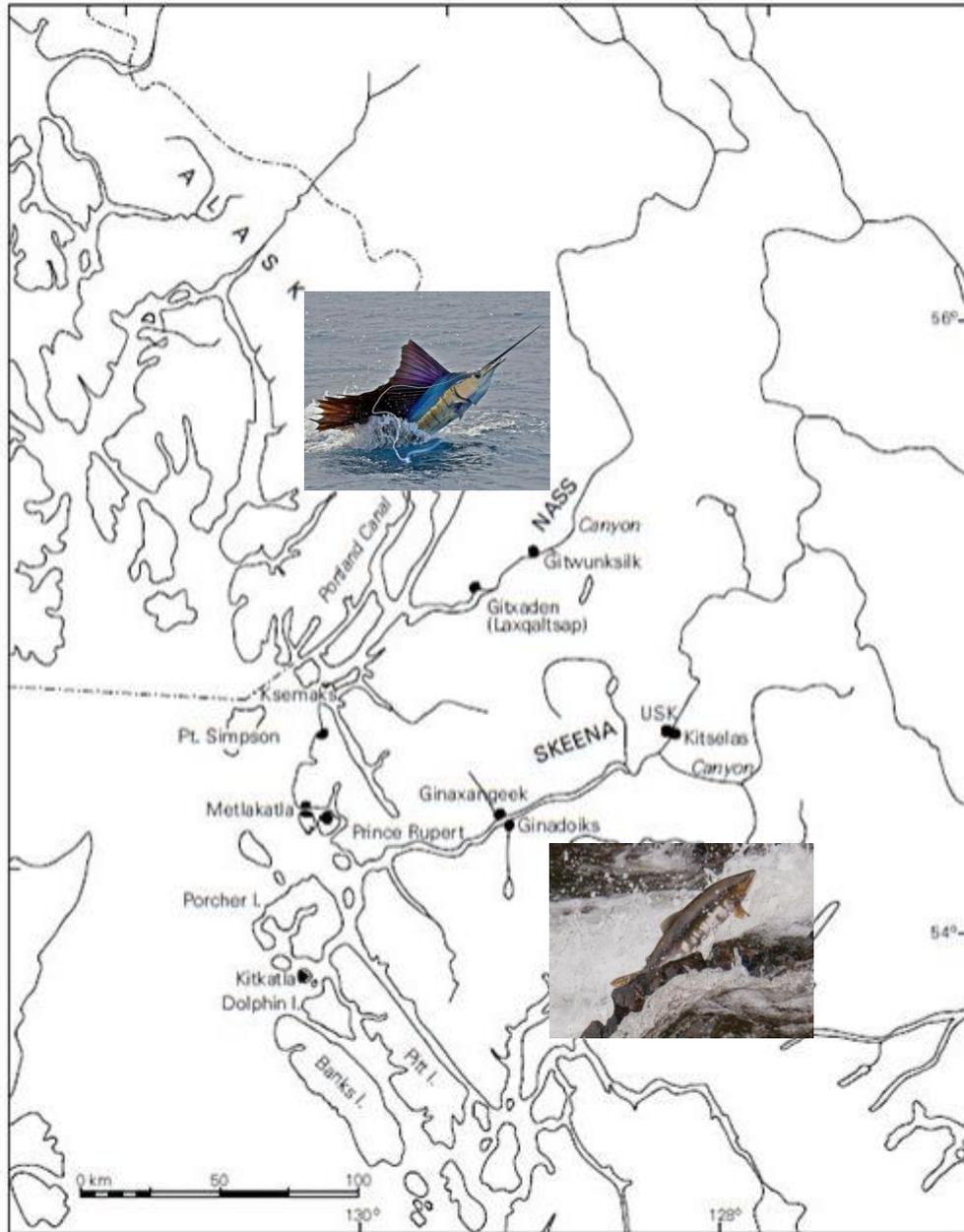


## Aula 11 – Análise estrutural do mito (sequência)

# 1. A gesta de Asdiwal



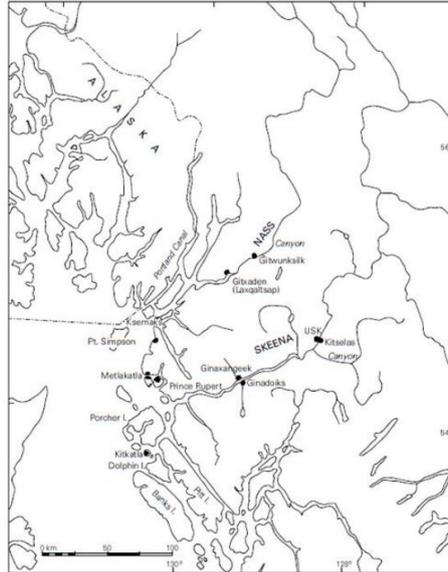
## 1.1. Os códigos

Disciplina: FLC0112 – Introdução aos Estudos Clássicos I

Docente Responsável: Eduardo Henrik Aubert

AULA 9

### A gesta de Asdiwal<sup>1</sup>



Reina a fome no vale do Skeena, o rio está congelado, é inverno. Uma mãe e sua filha, cujos maridos morreram ambos de fome, pensam, cada uma de seu lado, nos tempos felizes em que viviam juntas e não faltava comida. Liberadas pela viuvez, resolvem simultaneamente se reunir, e se põem a caminho, no mesmo momento. Como a mãe reside rio abaixo, e a filha rio acima, a primeira caminha em direção ao leste, a outra em direção ao oeste, ambas sobre o leito congelado do Skeena, e se encontram no meio do caminho.

Chorando de fome e de tristeza, as duas mulheres acampam na beira do rio, ao pé de uma árvore, perto da qual encontram uma baga podre, e compartilham melancolicamente a magra ração.

Durante a noite, um desconhecido visita a jovem viúva. Logo saberemos que ele se chama Hatsenas, termo que, em tsimshian, designa um pássaro de bom agouro. Graças a ele, as mulheres começam a encontrar alimento regularmente, e a mais jovem, agora esposa do misterioso protetor, logo dá à luz um filho, Asdiwal [Asiwa; Asihwil], cujo crescimento é sobrenaturalmente acelerado pelo pai, que lhe entrega vários objetos mágicos: arco e flechas infalíveis na caça, aljava, lança, cesto, raquetes de neve, casaco e chapéu, que permitirão ao herói superar todos os obstáculos, tornar-se invisível e produzir alimento incessantemente. Então, Hatsenas desaparece e a mulher mais velha morre.

Asdiwal e sua mãe continuam andando em direção ao oeste e se instalam na aldeia natal dela, Gitsalaset, nos desfiladeiros do Skeena. Certo dia, uma urso branca desce o vale.

Perseguida por Asdiwal, a urso é quase alcançada por ele graças aos objetos mágicos, e começa a subir por uma escada vertical. Asdiwal a segue até o céu, que se lhe apresenta como um vasto campo verde e florido. A urso o atrai para a casa de seu pai, o Sol, onde se revela como uma graciosa moça, Estrela da Noite. Os dois se casam, não sem que o Sol tenha antes submetido Asdiwal a uma série de provas, nas quais todos os pretendentes anteriores sucumbiram (caça ao cabrito selvagem na montanha dos terremotos; obtenção de água de uma fonte no fundo de uma gruta cujas paredes se fecham; coleta de madeira de uma árvore que esmaga quem a derrubar; permanência num forno ardente), que Asdiwal vence graças a seus objetos mágicos e à oportuna intervenção de seu pai. Seduzido pelos talentos do genro, o Sol acaba por aceitá-lo.

<sup>1</sup> C. LEVI-STRAUSS. A gesta de Asdiwal [1958]. In: IDEM. *Antropologia estrutural dois*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: CosacNaify, 2013, p. 167-223, aqui p. 170-174.

Mas Asdiwal sente saudades da mãe. O Sol consente em deixá-lo descer à terra com a esposa e, como provisão para a viagem, dá a eles quatro cestos cheios de alimento inesgotável, graças aos quais o casal é recebido com gratidão pelos habitantes da aldeia, que enfrentam um período de fome invernal.

Apesar dos repetidos alertas da esposa, Asdiwal a engana com uma aldeã. Estrela da Noite, magoada, vai embora, e seu marido, em prantos, a segue. Quando chega à metade da altura, entre a terra e o céu, Asdiwal é fulminado pela esposa, que desaparece. Ele morre, mas logo sentem sua falta, e seu sogro celeste o ressuscita.

Tudo vai bem por algum tempo, mas Asdiwal volta a sentir saudades da terra. Sua esposa concorda em acompanhá-lo até lá e lhe dá adeus definitivamente. Ao retornar à aldeia, Asdiwal fica sabendo da morte da mãe. Nada mais o prende, ele prossegue a marcha rio abaixo.

Chega à cidade tsimshian de Ginaxangioget, onde seduz e desposa a filha do chefe local. No início, o casamento é feliz e Asdiwal, com seus quatro cunhados, se põe a caçar cabritos selvagens, sempre com sucesso, graças a seus objetos mágicos. Quando a primavera se aproxima, toda a família se desloca, permanecendo primeiro em Metlakatla e dirigindo-se em seguida, de barco, para o rio Nass, subindo a costa. Ficam imobilizados por uma ventania e acampam por um tempo em Skemaksén, onde as coisas começam a ir mal, devido a uma discussão entre Asdiwal e seus cunhados a respeito dos méritos respectivos dos caçadores de montanha e do mar. Organizam um concurso; Asdiwal volta da montanha com quatro ursos que matou, enquanto seus cunhados voltam de mãos vazias de sua expedição marítima. Humilhados e cheios de raiva, levantam acampamento, levando consigo a irmã, e abandonam Asdiwal.

Este é recolhido por estrangeiros vindos de Gixatla, que também se dirigem ao Naas, para a estação do peixe-vela.

Como no caso anterior, formam um grupo de quatro irmãos e uma irmã, com quem Asdiwal logo se casa. Juntos, chegam pouco depois ao rio Nass, onde vendem muita carne fresca e salmão aos Tsimshian, já instalados na região e esfomeados.

Depois de boas pescarias, todos retornam, os Tsimshian para sua cidade-capital de Metlakatla, e os Gitxatla para sua cidade de Laxalan, onde Asdiwal se torna pai de um menino. A essa altura, ele está rico e famoso. Certo dia, no inverno, gaba-se de ser melhor do que seus cunhados para caçar focas em alto-mar. Partem todos juntos. Graças a seus objetos mágicos, Asdiwal faz uma caçada milagrosa, num recife, em que seus cunhados o abandonam, sem comida nem fogo. Ergue-se uma tempestade, a rocha é varrida pelas ondas. Com a ajuda do pai, que surge para salvá-lo, Asdiwal, transformado em pássaro, consegue se manter acima das ondas, empoleirado em seus objetos mágicos.

Após dois dias e duas noites, a tempestade começa a passar e Asdiwal cai no sono, esgotado. É acordado por um camundongo fêmea, que o leva até a morada subterrânea das focas (leões-marinhos) feridas por ele, mas que se consideram (as flechas dos homens sendo-lhes invisíveis) vítimas de uma epidemia. Asdiwal extrai as flechas e cura seus anfitriões, a quem pede, em troca, que garantam seu retorno. Infelizmente, as embarcações das focas, que são seus estômagos, são inutilizáveis, perfuradas que foram pelas flechas do caçador. O rei das focas então empresta seu próprio estômago a Asdiwal à guisa de barco, encarregando-o de devolvê-lo sem tardar. Ao se aproximar da costa, Asdiwal avista sua mulher, inconsolável, e seu filho. Graças à ajuda dessa boa esposa, mas má irmã (que cumpre os ritos indispensáveis para o sucesso da operação), Asdiwal fabrica orcas (killer-whale) de madeira esculpida e lhes dá vida; estas destroem as embarcações com golpes de nadadeira, provocando o naufrágio e a morte dos irmãos malvados.

Mas Asdiwal sente novamente enormes saudades dos locais de sua infância. Deixa a mulher, e retorna ao vale do Skeena. Instala-se no vale de Ginadãos, onde seu filho vai ter com ele. Dá a este seu arco e suas flechas mágicas, e recebe dele um cão.

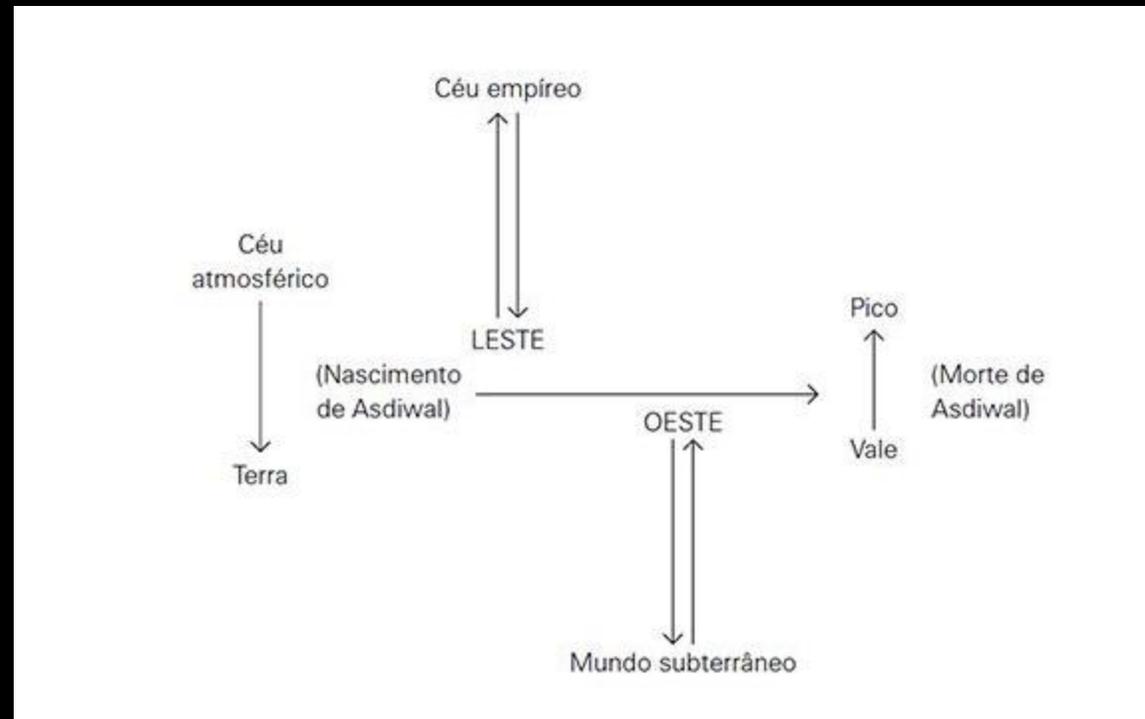
Quando chega o inverno, Asdiwal vai caçar na montanha, mas esquece suas raquetes de neve. Perdido, e sem poder subir ou descer sem as raquetes, é transformado em pedra, junto com sua lança e seu cão, e nessa forma podem ainda hoje ser vistos no topo da grande montanha do lago de Ginadãos.

## 1.2. A estrutura da mensagem

# ESQUEMA GEOGRÁFICO

NORTE  
LESTE —————> OESTE —————> LESTE  
SUL

# ESQUEMA COSMOLÓGICO



# [OPOSIÇÕES PROGRESSIVAS]



# ESQUEMA SOCIOLÓGICO



# ESQUEMA TECNO-ECONÔMICO

fome —————> pesca do peixe-vela —————> pesca do salmão —————>  
caçada produtiva

# INTEGRAÇÃO GLOBAL

FÊMEA

eixo LESTE-OESTE

FOME

MOVIMENTO



MACHO

eixo ALTO-BAIXO

FARTURA

IMOBILIDADE

### 1.3. O sentido da mensagem (mensagem latente)

“Começamos por distinguir os códigos, para em seguida analisar a estrutura da mensagem. Trata-se agora de decifrar-lhe o sentido.”

“Ora, tais sequências *posteriores* são organizadas segundo esquemas que são, ao mesmo tempo, *homólogos* aos que descrevemos e mais *explícitos* do que aqueles. Tudo se passa como se, ao atingir seu termo, a narrativa aparente (as sequências) tendesse a aproximar-se do conteúdo latente do mito (os esquemas).”

## SEQUÊNCIA SUPLEMENTAR (1916)

“Quando a segunda mulher de Asdiwal (sua primeira mulher terrestre) lhe deu um filho, este recebeu o nome de Waux, que significa “muito leve”, porque era tão veloz quanto uma faísca.

Pai e filho eram profundamente apegados um ao outro, e sempre caçavam juntos. Assim, Waux ficou arrasado quando seus tios o obrigaram a acompanhá-los, depois de terem abandonado Asdiwal em Ksemaksén. Mãe e filho tinham inclusive tentado, em segredo, encontrar Asdiwal, e só desistiram depois de chegarem à conclusão de que ele tinha sido devorado por um animal feroz.

Waux se torna um grande caçador, como seu pai. Pouco antes de morrer, sua mãe faz com que ele se case com uma prima, e o jovem casal vive feliz, enquanto Waux continua realizando seus feitos nos territórios de caça paternos, às vezes acompanhado da mulher, que dá à luz gêmeos.”

## SEQUÊNCIA SUPLEMENTAR (1916)

“Logo os filhos começam a acompanhar Waux nas caçadas, assim como ele antes seguira Asdiwal. Certo dia, dirige-se com eles para uma região inexplorada. Os meninos sofrem uma queda e morrem. No ano seguinte, Waux retorna ao mesmo local para caçar, munido de todos os objetos mágicos herdados do pai, exceto a lança, que esquece. Pego de surpresa por um terremoto, tenta em vão fazer com que sua mulher, que ele pode ver no vale, compreenda que precisa de sua assistência ritual. Aos berros, pede a ela que ofereça um sacrifício de gordura às potências sobrenaturais, para apaziguá-las. Mas a mulher não escuta e entende mal, repetindo, em vez das palavras do marido, aquilo que ela mesma gostaria de fazer: “Você quer que eu coma a gordura?”. Desalentado, Waux concorda, e a mulher se farta de gordura e água fresca, deita-se numa fonte, explode e se transforma no sílex rajado que hoje em dia abunda no local.

Waux, sem a lança que lhe permitiria fender as rochas e abrir uma passagem através da montanha, tendo perdido a última chance de apaziguar os elementos em razão do malentendido ocorrido entre sua esposa e ele, é petrificado, junto de seu cão e de seus objetos mágicos. Estão lá até hoje.” (Boas 1916: 243-45).

“Todas as antinomias concebidas pelo pensamento indígena nos mais diversos planos – geográfico, econômico, sociológico, cosmológico – são, afinal de contas, assimiladas à menos aparente, mas bem real, antinomia que o casamento com a prima matrilateral tenta superar [isto é, a antinomia entre as tendências matrilinear e a patrilinear da sociedade tsimshian], sem sucesso, como o *confessam* nossos mitos; e é justamente essa a sua função.”

[Nova passada em revista do mito:  
a hipótese lévi-straussiana]

“Passemo-lo [o mito] novamente em revista, a partir dessa nova perspectiva. A fome de inverno, que faz morrer os maridos das duas heroínas do início, libera-as da residência patrilocal e permite que se encontrem, e posteriormente retornem à aldeia natal da filha, o que significará, para o filho desta, um modo matrilocal de residência. A escassez de alimento é, portanto, relacionada à exportação das mulheres, e estas retornam a suas linhagens de origem quando o alimento acaba: símbolo de um acontecimento mais concretamente ilustrado a cada ano – mesmo sem fome – pelo deslocamento do peixe-vela no Nass, e depois do salmão, no Skeena. Os peixes provêm do oceano, chegam do sul e do oeste e sobem os rios na direção leste. Como os peixes que vão embora, a mãe de Asdiwal prossegue sua marcha em direção ao oeste e ao mar, onde Asdiwal viverá as desastrosas experiências do casamento matrilocal.”



“O primeiro desses casamentos é com Estrela da Noite, que é uma criatura celeste. A correlação céu-fêmea/terra-macho, implícita nessa sequência, invoca duas observações.

“Em primeiro lugar, Asdiwal é, de certo modo, pescado pela Ursa que o atrai até o céu, e os mitos frequentemente descrevem os plantígrados como *pescadores de salmão* (Boas 1916: 403). Também como um salmão, Asdiwal é pescado com uma rede pelo Sol, compadecido, depois de ter-se espatifado no solo (Boas 1912: 112-13). Mas, quando Asdiwal retorna da estadia, inversa e simétrica, no reino subterrâneo das focas, a viagem é feita no estômago de uma delas, também como um alimento, aqui comparável ao *peixe-vela*, que é recolhido com pás no leito do Nass, o ‘rio-estômago’. Além disso, a rota do herói aqui tem o sentido inverso, não mais de leste para oeste, como o alimento que desaparece, mas de oeste para leste, como o que retorna.”



“Em segundo lugar, essa inversão é acompanhada por outra, da residência matrilocal para a residência patrilocal, e esta última é, por sua vez, função da substituição de uma viagem celeste por uma viagem subterrânea, que faz Asdiwal passar da posição terra-macho-dominado à de terra-macho-dominante.

“A residência patrilocal não é melhor para Asdiwal, que com isso recupera o filho, mas perde a esposa e os afins. Isolado nesse outro sentido, incapaz de integrar os dois modos de filiação e de residência, vê-se, no ponto mais próximo do objetivo, bloqueado a meio caminho, após uma caçada proveitosa: conseguiu alimento novamente, mas perde a liberdade de movimento. A fome, causa de movimento, deu lugar à abundância, cujo preço é a paralisia.”



“Torna-se mais fácil compreender o casamento de Waux com a prima matrilateral, na sequência dos casamentos de seu pai, como símbolo do derradeiro e vão recurso do pensamento e da sociedade tsimshian para superar suas contradições. Pois esse casamento fracassa num *mal-entendido* que se soma a um *esquecimento*: Waux conseguiu permanecer junto de seus parentes maternos e, ao mesmo tempo, conservar os territórios de caça do pai. Embora sejam primos, ele e a esposa permanecem distanciados um do outro, porque o casamento de primos cruzados, numa sociedade feudal, é um paliativo e um logro; nessas sociedades, sempre se trocam mulheres, mas também se compete por bens.”



## 2. Reações à análise estrutural do mito lévi-straussiana, com especial referência à Gesta de Asdiwal

## 2.1. Mary Douglas

(The meaning of myth with special reference to *La Geste d'Asdiwal* [1967], republicado como: The meaning of myth. In: M. DOUGLAS. *Implicit Meanings: selected essays in anthropology*. 2.ed. London/New York: Routledge, 2001, p. 131-145)

## PRESSUPOSTO: EXPERIÊNCIA E ESTRUTURA

“Em termos breves, seu ponto de partida é que é da natureza da mente trabalhar por meio da forma. Qualquer experiência é recebida em uma forma estruturada, e essas formas ou estruturas, que são uma condição do conhecimento, são geralmente inconscientes (como, por exemplo, as categorias inconscientes da linguagem). Ademais, elas variam pouco em tempos modernos como antigos. Elas sempre consistem na criação de pares de opostos, que são balanceados um contra o outro e se articulam em várias formas (passíveis de representação algébrica). Todos os diferentes tipos de atividade que segue padrões pode ser analisada de acordo com as diferentes estruturas que elas produzem.” (p. 131).

## A CONQUISTA DA ESTRUTURA

“A análise de Lévi-Strauss, devagar e de forma intrincada, revela a estrutura interna desse mito [de Asdiwal]. Embora eu tenha sugerido que a simetria foi um pouco forçada aqui e ali, a estrutura está inquestionavelmente lá, no material, e não apenas dos olhos do observador. Eu não tenho certeza de quem teria argumentado no sentido contrário, mas é preciso admitir de agora em diante que os mitos têm uma estrutura tão reconhecível como aquela de um poema ou de uma melodia.” (p. 136).

## O PROBLEMA DO SENTIDO PROFUNDO 1

“Lévi-Strauss alega estar revelando as estruturas formais dos mitos. Porém, ele nunca consegue pôr de lado seu interesse no assunto do discurso mítico. [...] Ele cai na armadilha de alegar descobrir os verdadeiros sentidos subjacentes dos mitos porque ele nunca separa uma estrutura artística peculiar a um determinado conjunto de mitos de sua estrutura geral ou puramente formal. [...] Dizer simplesmente que as estruturas míticas são construídas a partir de oposições e de mediações não é dizer o que são essas estruturas. É apenas dizer que há estruturas.” (p. 141-142).

## O PROBLEMA DO SENTIDO PROFUNDO 2

“De acordo com Lévi-Strauss, o importe real de todo o mito de *Asdiwal* e a questão candente a que todas as antinomias de Céu e Terra, terra e mar, etc., são assimiladas é a contradição implícita no casamento entre primos, patrilocal e matrilateral. Isso vem como uma surpresa, pois nunca houve nenhuma menção de nenhum casamento matrilateral no mito de *Asdiwal*. [...] Como eu disse, nós não podemos permitir que Lévi-Strauss alegue ter descoberto o sentido real de um mito tão rico e complexo.” (p. 137-138).

## SENTIDO E ETNOGRAFIA

“Porém, Lévi-Strauss não se contenta com revelar a estrutura por si mesma. A análise estrutural é há muito tempo uma ferramenta respeitável da crítica literária, e Lévi-Strauss não está interessado em um mero exercício literário. Ele quer usar o mito para demonstrar que a análise estrutural tem valor sociológico. Assim, em vez de analisar e comparar estruturas míticas formais, ele pergunta qual é a relação do mito com a vida.” (p. 136).

“A análise estrutural pode revelar profundidades inimaginadas de sentido referencial e inferencial para qualquer série de mitos. Para atingir esse significado, contudo, o antropólogo precisa aplicar seu conhecimento prévio da cultura à análise. Ele se vale da inferência no sentido inverso, da cultura conhecida à interpretação do mito obscuro” (p. 143).

## 2.2. Geoffrey Kirk

(*Myth*: its meaning and functions in ancient and other cultures. Cambridge/Berkeley & Los Angeles: Cambridge University Press/University of California Press, 1970.)

## PARA ALÉM DE MARY DOUGLAS

“A despeito de suas reservas, a Dra. Douglas comenta que ‘Alguns podem ter duvidado de que os mitos têm uma estrutura simétrica elaborada. Se é assim, eles devem se dar conta de seu erro’ – isto é, de acordo com a análise da história de Asdiwal por Lévi-Strauss. E essa foi a reação geral ao artigo sobre Asdiwal. Contudo, eu acredito que a Dra. Douglas tenha relaxado seu ceticismo cedo demais, se o que ela aceita é a ideia de uma estrutura simétrica elaborada *no próprio mito* – isto é, como pertencente ao mito como um modo de expressão.” (p. 57).

## SENTIDO

“Em um ponto eu concordo com Lévi-Strauss: que as várias versões do mito de Asdiwal revelam um interesse no casamento entre primos – embora eu não me inclinasse a alegar, com base nas evidências disponíveis, que essa é a ‘mensagem’ essencial do mito (antes que mensagens a respeito da diferença entre as formas de vida ao redor dos dois rios ou a proporção recomendável de tempo e de esforço a ser dedicado aos diferentes tipos de caça e de coleta.” (p. 55-56).

“O que Lévi-Strauss conseguiu fazer foi demonstrar que alguns mitos em algumas culturas podem ter um tipo de função explicativa de que não se havia cogitado anteriormente. Daqui em diante, será sempre necessário considerar a possibilidade de que qualquer mito, até mesmo na tradição ocidental, está preocupado com fornecer um modelo para mediar uma contradição, em termos de estrutura como de conteúdo – juntamente, é claro, com outras possibilidades...” (p. 83).

## 2.2.1. As mitológicas de Kirk, segundo Claude Calame

(Mythologiques de G. S. Kirk: structures et fonctions du mythe. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, n. 14, 1972, p. 117-135.)

## UM MAL-ENTENDIDO

“Parece que uma parte das ambiguidades e das hesitações da análise conduzida por Kirk derive de um mal-entendido a respeito do método de análise estrutural. Os termos desse mal-entendido são, contudo tanto o mais difíceis de desvelar, quanto o próprio método elaborado por Lévi-Strauss é, ele mesmo, um instrumento que não tem nada de definitivamente fixo e que requer ainda muitas melhoras.



## CRÍTICAS JUSTIFICADAS

“Nessa medida muitas das críticas que Kirk dirige ao método do antropólogo francês são perfeitamente justificadas: é verdade que, contrariamente ao que afirma Lévi-Strauss, os modelos construídos pela análise estrutural são incapazes de integrar todos os detalhes dos mitos de que eles devem dar conta; é exato também que, a despeito da pretensão lévi-straussiana de fornecer modelos puramente formal, de tipo relacional, as análises propostas nas *Mitológicas* avançam em geral em uma boa parte do conteúdo. Caso se deseje guardar sua especificidade aos diferentes mitos analisados, é difícil trabalhar diversamente: colocar entre parênteses toda dimensão semântica tem valor puramente operatório.



## HÁ AINDA MAIS A CRITICAR

“E se poderiam acrescentar às críticas de Kirk numerosas observações relativas justamente à binariedade do método de Lévi-Strauss, uma binariedade herdada de um modelo fonológico baseado em traços que se opõem dois a dois, hoje ultrapassado. Nosso propósito aqui é apenas examinar em que medida se justifica o uso que Kirk faz do método de Lévi-Strauss.



## O QUE KIRK NÃO PERCEBEU 1

“O que Kirk deixou de destacar, contudo, é que a análise estrutural constitui apenas um método de abordagem do mito, caracterizado por um grande rigor. A análise estrutural não faz nenhum pré-julgamento de interpretações sucessivas. Certamente, em Lévi-Strauss, essa análise destaca com particular relevo a oposição entre natureza e cultura, que, pouco a pouco, adquire o estatuto de chave interpretativa.



## O QUE KIRK NÃO PERCEBEU 2

“Porém, a análise estrutural tem por objetivo primeiro apenas determinar os elementos constitutivos de um sistema e encontrar as regras segundo as quais eles estão articulados nesse sistema; ela visa a desnudar a arquitetura dos mitos que são submetidos a essa análise; ela não é, por definição, uma interpretação do mito entre outras interpretações. Quando Lévi-Strauss afirma que, ao reduzir as contradições, os mitos frequentemente resolvem os problemas que se apresentam ao homem primitivo, ele ultrapassa o nível da análise estrutural estrita.



## O QUE KIRK NÃO PERCEBEU 3

“Como no caso da oposição natureza/cultura, é uma qualidade particular – a binariedade – do sistema de relações atualizado que o autoriza a ultrapassar esse primeiro nível. A questão da função do mito, mesmo que não se trate senão de uma função de mediação, não é pertinente à análise estrutural, na medida em que esta se define como método puro de atualização de um sistema relacional.” (p. 121-122)